

Carta 44 – As Sete Vogais Cantadas e o Colosso Egípcio de Mêmnom

Trecho 1

AS SETE VOGAIS CANTADAS E O COLOSSO DE MEMNON

Hoje nós vamos dar continuidade ao nosso estudo da carta 44 — que, pelo andar da carruagem, vai ser o ano todo dessa carta: o sétimo ano vai ser o ano do estudo da carta 44. A gente ainda está na pergunta quatro, e vamos entrar num novo item da resposta do mestre Morya sobre as sete vogais cantadas pelos sacerdotes egípcios, um tema bem instigante.

Hoje a gente vai entrar numa analogia belíssima, difícil de compreender, e a gente precisa separar as partes para poder entender, mas rendeu tanto estudo interessante, tanta pesquisa, que valeu a pena a gente se dedicar a destrinchar isso. O mestre fala uma frasezinha ali e é quase que uma charada que ele deixa para a gente pesquisar. Lembrando aquilo que a gente comentou quando estava estudando e tentando dividir, para poder ver cada parte: você disse que parecia um koan, não é? Aquela expressão do mestre é um koan. Realmente é uma coisa tão encapsulada, tanta coisa que você tem de tirar para poder compreender aquilo na sua plenitude, entender integralmente o que ele está dizendo e fazer correlações com o resto da resposta que ele já deu e que vai dar futuramente, ao longo da resposta — que a gente ainda está no meio da resposta dele. Então isso tudo vai possibilitar que a gente faça uma síntese muito preciosa.

Vamos lá. Hoje é dia 28 de setembro de 2026, nosso 269º encontro: carta 44, pergunta 4 — as sete vogais cantadas e o colosso egípcio de

Memnon. Eu não conhecia esse colosso, e o mestre soltou esse termo ali no meio, e a gente foi atrás para descobrir o que era esse colosso. E vamos apresentar para vocês agora.

A PERGUNTA QUATRO DE SINNETT

A gente lembra novamente que essa carta 44 é a única das cartas que tem as perguntas do Sinnett e as respostas do mestre, o que a deixa um pouco original, assim, para a gente ter todo o contexto do que aconteceu e entender como o mestre parte de algumas colocações que o Sinnett fez e dá todo um encaminhamento pedagógico, incentivando o Sinnett a estudar e a pesquisar — que é o que a gente está fazendo aqui, como se fôssemos o Sinnett, que recebe essas mensagens.

Então, o Sinnett, na pergunta quatro, perguntou sobre o impulso vital que percorre a cadeia planetária. Ele perguntou assim: "Aquele impulso magnético que ainda não pode ser concebido como uma individualidade entra na segunda esfera, no mesmo reino, o mineral, ao qual pertencera na primeira esfera, e completa ali a ronda de encarnações minerais. Passando então para a terceira esfera, a nossa Terra é ainda uma esfera necessária para eles" — já falando da quarta esfera, o globo D. "Daí passa uma série ascendente e da mais alta dessas passa ao reino vegetal da primeira esfera." Ou seja, ele voltou para a primeira esfera na ronda seguinte, e aí mudou de reino, do reino mineral para o vegetal. Mas ele coloca ali impulso magnético, reino mineral, reino vegetal, e o mestre percebe que ele quer saber como é que essa onda da vida circula pela cadeia planetária. E a gente já viu toda a questão do piano, as escalas, as oitavas, as rondas.

Trecho 2

correndo a a a onda da vida percorrendo as rondas, a analogia com a as notas musicais e agora ele vai fazer na sequência das notas musicais, ele entrou com um outro assunto que a gente vai explorar hoje, falando imediatamente depois das notas musicais dessas sete vogais cantadas. pelos sacerdotes egípcios para os sete raios do sol nascente às quais Memnon respondia, significavam somente isso. Então, foi só essa frasezinha aí eh que a gente, a Virgínia explorou ela bem a fundo, fez várias perguntas sobre a frase e a gente vai eh desse que o mestre tentou dizer eh eh falar sobre isso. Aí ele continua, né, o princípio vital único. Aí respondendo ao City ali, quando está em ação, avança em circuitos, como é conhecido pela ciência física. Então ele tá usando uma analogia ocidental, essa história de circuito, né? O que que é um circuito elétrico? A corrente circula ali, eh, e fica indo e indo, né? Faz um entre o gerador, ele passa pelas resistências. a gente lembrar lá do ensino eh médio, né? Tinha estudo pro vestibular, al estudava elétrica, eletricidade ali, né? Circuitos elétricos, né? E ele fez essa analogia com a onda da vida, percorrendo circuitos, né? Passando, vindo desde o absoluto até voltar ou se chegar numa cadeia planetária fazendo os circuitos que são as rondas, né? E a gente agora fica com essa analogia mais viva depois de fazer esse estudo mais aprofundado, né? E aí esse esse princípio vital ou ele percorre todo o corpo humano do qual a cabeça, o nossa cabeça representa e é para o microcósmo, o mundo físico da matéria. O que é o pináculo do ciclo? É o que o pináculo do ciclo é para o macrocosmo, o mundo das forças espirituais universais. E o mesmo ocorre com a formação dos mundos e o grande círculo da necessidade que é ascendente, descendente, tudo é uma só lei. Então aqui ele fecha eh a gente vai então explorar basicamente a primeira frase aqui dessa, desse trecho da resposta sobre as sete vogais cantadas. as quais mesmo não respondia. Então, >> mas uma coisa interessante é que a pergunta do CET, o mestre praticamente só responde no finalzinho depois que ele faz

toda uma contextualização. Primeiro ele fala o que que era o princípio vital, depois ele fala que a Nag desperta, quer dizer, começa um ciclo, começa um manvântara, um mini manvântara, um marra manvântara. Depois ele explica como é que esse princípio ele circula. Depois ele faz as analogias para depois fazer uma nova síntese que é tudo é uma só lei. E depois ele ainda vai explicar melhor o microcosmos e macrocosmos. E é isso que é bonito, porque a gente tem tirar eh eh fazer perguntas implícitas que o CET faria pelas respostas do mestre. Porque o que o CET perguntou? O mestre primeiro fez uma defesa, uma contextualização muito importante, porque só responder esse impulso passa do reino mineral para o vegetal não era suficiente. Ele fez toda uma eh não era suficiente. Ele fez toda uma eh uma um apanhado. Por que é que isso passa do vegetal para o animal ou do mineral para o vegetal, né? E é isso que a gente tá fazendo. A gente tá usando esse método que o mestre tá pedindo pra gente para para estudar isso aí, né? Ele mostra isso pro Cet, que é o que eles querem que a gente faça também, né? >> É. E assim, a gente acaba esse estudo mais profundo, eh, que a gente tá fazendo aqui nesses últimos encontros, né, nesse ano, na verdade, eu acho que acabam sendo uma fonte de credibilidade para uma frasezinha que o mestre coloca, quanta coisa a gente tira de uma frase, né? Então, assim, é tipo se fosse um mestre, alguém que seja cético em relação a ver mestre, né? que que um mestre falaria que é tão importante assim. Então, a gente ao conseguir ficar vários encontros de secando uma frase simples, eh, é uma é uma comprovação da da genialidade do que foi dito ali. >> Exato. >> Então, eu vou passar para você interromper aqui para você começar a nossa dissecação aí da resposta. Eh, primeiro a gente vai compreender o todo que a gente já compreendeu pel

Trecho 3

O CIRCUITO

O circuito: você pensa em arco descendente e arco ascendente, e depois você sobe e passa para outro circuito. É aquilo que a gente explicou tanto na hipótese um, ali na analogia com as notas musicais.

A CHAVE PARA O ESTUDO DAS CARTAS

Eu queria introduzir um pouco a chave que utilizamos para o estudo das cartas e também das obras teosóficas de Blavatsky, de Damodar, de Subba Row, que tem muito a ver com aquela analogia que a gente fez no encontro passado: a gente usa a nossa mente racional, a mente que raciocina, que tem os poderes divinos de cogitação e evolução, para estudar o invisível, a partir do ponto de vista do invisível, e fazer essa correlação. A gente deu aquela introdução, que é exatamente o que a gente precisa fazer.

E agora, outra chave que a gente utiliza para o estudo das cartas, principalmente essas de perguntas e respostas: a gente tem essa analogia, essa correspondência entre um e outro. E aí eu vou trazer uma coisa que a gente já estudou no início dessa carta 44, na resposta um, em que o Mestre orienta o Sinnett como estudar as cartas. Na própria carta 44, na resposta um, o Mestre orienta Sinnett a empregar o método sintético, que é abarcar o todo, fundir macrocosmos e microcosmo, e só depois estudar separadamente as partes. O Mestre Morya não entrega o ensinamento já explicado.

Por que o mestre fala do método sintético? Na própria resposta do mestre a essa pergunta quatro do Sinnett, ele fala primeiro do todo, que é o princípio vital; depois ele funde o macrocosmos, que são os sete planos; depois ele funde o microcosmos, que a gente pode pensar que

são os quatro planos da diferenciação, quer dizer, aquele circuito dentro dos sete planos. Ele vai fazendo isso na própria resposta e depois parte em pequenos ensinamentos, analogias, referências, imagens, para depois a gente fazer a síntese novamente — que ele já deu a síntese aqui: tudo é uma só lei. Então é assim que a gente está fazendo esse estudo das cartas.

Vamos continuar aqui um pouquinho mais. Muitas vezes o mestre oferece uma imagem, uma analogia, uma referência histórica — o Colosso de Memnon, que é uma referência histórica — e deixa ao estudante o trabalho de investigar, relacionar e compreender. E é o que estamos fazendo aqui nesse estudo: seguimos cada frase, procuramos seu contexto, examinamos as analogias e depois voltamos ao conjunto. Mais adiante veremos como essas analogias — piano, sete vogais — podem nos ajudar a compreender melhor a afirmação do mestre: o princípio vital único, quando entra em atividade, percorre circuitos. E vocês se lembram que o mestre já falou quando é que o princípio vital único entra em atividade — a gente já estudou isso: quando Naga desperta, vem um raio e percorre um circuito, que é aquele do Ouroboros. Então o mestre fala do todo, depois vai destrinchando para as partes, e depois vai fazer a síntese de novo. E é assim que a gente está tentando fazer esse estudo das cartas.

TUDO É UMA SÓ LEI

E no final ele nos dá a síntese: tudo é uma só lei. Essa lei é a lei do karma, a lei da periodicidade, a lei da causa e efeito — que acaba sendo a mesma coisa, com nomes diferentes ao longo de toda a literatura teosófica. E o resumo dessa lei é: não existe nenhum efeito sem causa. Isso é a lei do karma. Uma vez causado, recolha os efeitos:

o efeito virá, não tem jeito de escapar. Nessa vida pode ser, mas nas próximas não. De qualquer jeito, vai pagar.

E é assim que procuramos estudar as cartas: não passar rapidamente por uma frase enigmática, mas parar diante dela, abri-la, pesquisar suas referências e depois recolocá-las em conjunto, para ver qual ensinamento emerge. O mestre, depois das sete notas do piano, nos leva aos sacerdotes egípcios, aos sete raios do sol nascente e a Memnon.

OS SACERDOTES EGÍPCIOS E AS SETE VOGAIS

Então vamos seguir o encadeamento desse ensinamento do mestre, desse koan. Para acompanhar o encadeamento do ensinamento, vamos responder a essas perguntas em que a gente dividiu o estudo: Quem eram os sacerdotes egípcios que cantavam as sete vogais? Quais são as sete vogais? Quem era Memnon? O que significa a referência aos sete raios do sol nascente? E o que o mestre Morya está nos ensinando com este texto tão enigmático e conciso? Aqui a gente vai fazer a síntese, respondendo essa quinta pergunta.

Primeira pergunta: quem eram os sacerdotes egípcios que cantavam as sete vogais? A gente pesquisou para saber onde havia referências a sacerdotes egípcios que cantavam as sete vogais. Um dos testemunhos mais antigos sobre esse costume é encontrado no tratado grego *De Elocutione*, que significa "Sobre o Estilo", no parágrafo 71, transmitido por Demétrio. Olha que beleza dessa citação: o autor discute som e musicalidade da linguagem e apresenta este exemplo egípcio: "Eufonia é a harmonia do som." Porque os sacerdotes egípcios, quando cantavam as sete vogais, queriam transmitir uma força musical, uma

harmonia do som.

E aqui, eufonia — a gente viu também que é o contrário de cacofonia. Cacofonia é falar coisas repetidas, sem harmonia; aí fica aquele som não harmônico, quebrado, feio, que incomoda. E a eufonia não é aquilo que nos encanta, que nos faz passar para planos superiores? Um mantra bem cantado, sabendo pronunciar as palavras com a dicção certa do sânscrito e com as pausas necessárias em cada palavra, provoca isso, essa eufonia. Mas precisa primeiro saber falar na frequência certa, porque senão vira cacofonia e acaba piorando.

E por que ele apresenta esse exemplo egípcio? Demétrio, nesse tratado, fala de outras tradições também, mas a gente trouxe o que falava dos sacerdotes egípcios: "No Egito, os sacerdotes, ao cantar hinos em louvor aos deuses, empregam as sete vogais e as pronunciam na devida sucessão. E o som dessas letras é tão melodioso que os homens preferem escutá-lo à flauta e à lira." Veja que bonito: existia tanta eufonia nesse canto, era tão melodioso que os homens preferiam ouvir esses sacerdotes pronunciarem essas vogais. E veja que existe uma coisa muito importante aqui: "na devida sucessão". Isso é muito importante também. Esse cantar sem instrumentos é o cantar a capela, que a gente chama: só as vozes já cantavam mais do que a flauta e a lira. Só as vozes. Muito lindo isso.

AS SETE VOGAIS

Então, vamos continuar. Agora, a segunda pergunta: quais eram as sete vogais? Isso aqui, quando eu li, eu falei: "Puxa vida, eu só sei cinco vogais. Então onde é que o mestre tirou sete vogais?"

Trecho 4

AS SETE VOGAIS EM DIONÍSIO DE HALICARNASSO

A gente vai estudando e as coisas vão se clareando, e é tão bonito. Dionísio de Halicarnasso, na obra *De Compositione Verborum*, que significa "Sobre a composição das palavras", diz no capítulo 14: "As vogais são sete em número, duas breves." Aqui estamos na notação do alfabeto grego: as duas breves são épsilon e ômicron; as duas vogais longas são eta e ômega; e as três comuns são alfa, iota e upsilon. E o que elas significam? Alfa, épsilon, eta, iota, ômicron, upsilon e ômega. A upsilon depois foi passada para o Y, mas naquela época era chamada de upsilon.

Agora eu peço que a gente note que o iota ocupa a quarta posição, exatamente no centro da série. Eu vou sempre pedir que a gente preste atenção em algumas frases, porque isso vai ser importante quando a gente começar a juntar essas partes para fazer a síntese.

Só para adiantar: a quarta posição era exatamente o dó central, o dó fortíssimo que a gente veio fazendo até a semana passada naquela descida — era ali embaixo, no globo D. O mestre falou que era o dó fortíssimo. Agora apareceu aqui um iota na mesma posição do dó fortíssimo: tem três letras para trás e três letras para frente, e ele ocupa o centro.

Aqui a gente já começou a clarear, porque já vimos que existiam sete vogais.

POR QUE OS SACERDOTES EGÍPCIOS CANTAVAM VOGAIS GREGAS

Vamos passar para outra — não é outra resposta daquela pergunta, mas outra curiosidade que a gente teve: por que sacerdotes egípcios cantavam sete vogais gregas e não sete vogais egípcias? É outra coisa que a gente ficou encafifado.

No Egito antigo, a escrita hieroglífica não possuía um conjunto de sete vogais, pois as vogais normalmente não eram escritas; eles utilizavam quase só, ou somente, consoantes. Por isso é tão difícil, no mundo moderno, fazer a tradução dessa escrita hieroglífica para os nossos alfabetos, porque é muito difícil pegar só consoantes e transformá-las em uma escrita corrida. Entretanto, a partir do século 4 antes de Cristo em diante, durante o período helenístico e depois sob o domínio romano — que começou com a invasão de Alexandre, o Grande, que dominou o Egito e trouxe essa cultura, esse mundo grego para o Egito —, o grego tornou-se uma das principais línguas do Egito, especialmente nos meios intelectuais e religiosos. Neste ambiente greco-egípcio encontramos práticas religiosas documentadas nas quais aparecem precisamente as sete vogais gregas.

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

Onde estão documentadas essas práticas dos sacerdotes egípcios cantando as sete vogais gregas? Nos papiros mágicos gregos. Os papiros mágicos gregos são do Egito greco-romano, escritos principalmente em grego, mas que também preservam elementos egípcios e de outras tradições. Nesses papiros são encontradas sequências formadas pelas sete vogais gregas. A gente viu que elas precisavam ser cantadas, ditas em sequência — existe uma sucessão, uma ordem certa. Não é pegar o ômega e depois ir colocando de qualquer jeito: tem toda uma ciência por trás desse ritual, que nem o dó,

ré, mi, fá, sol, lá, si. E o mestre pediu para a gente começar no si.

Elas aparecem em fórmulas rituais organizadas em diversas combinações. Um exemplo pode ser encontrado no PGM 13, conhecido como o Oitavo Livro de Moisés, no qual as sete vogais participam de diferentes operações rituais. Portanto, temos documentado o uso dessas sete vogais gregas em rituais praticados pelos sacerdotes egípcios, o uso das sete vogais gregas no ambiente religioso do Egito greco-romano.

O RITUAL DAS SETE VOGAIS NO PGM 13

Vamos trazer um exemplo real dos papiros mágicos gregos, o do número 13, das linhas 824 a 835. No PGM 13, um texto ritual do Egito greco-romano, encontramos instruções para pronunciar sucessivamente as sete vogais gregas: voltado para o Sol nascente, diga alfa; para o norte, diga épsilon; para o oeste, diga eta; para o sul, diga iota; para a terra, diga ômicron; olhando para o alto, diga upsilon; olhando para o céu, diga ômega.

Notemos que a sequência das vogais nesse ritual começa voltada para o Sol nascente. Vamos lembrar daquela citação do mestre: eram cantadas para os sete raios do Sol nascente. Depois a gente vai juntar todas essas partes na nossa conclusão.

Voltado para o Sol nascente, a leste, estenda a mão direita para a esquerda e igualmente a mão esquerda para a esquerda, e diga alfa. Veja bem: esse ritual não era somente de som, de falar as letras gregas. Tinha som, orientação espacial — porque ele dá as orientações norte, sul, leste, oeste, cima, baixo — e também os gestos, porque era um ritual, não era só cantar. E é importante o horário também: Sol

nascente. Ele tinha que ser feito ao amanhecer, o que já dá a orientação de onde você está e em que momento do dia você faz.

E a coisa mais interessante: depois que a gente estudou isso, eu tenho uma varanda onde, de manhãzinha, o Sol é nascente para mim. Desde então, toda vez que eu vou olhar o Sol nascente, eu faço essa posição: estendo a mão direita para a esquerda, ponho a mão esquerda para a esquerda, fico olhando e digo alfa. Já incorporei esse ritual.

Voltado para o norte, projete somente o punho direito para a frente e diga épsilon. Voltado para o oeste, estenda as duas mãos à sua frente e diga eta.

Trecho 5

ga: "Eta". Voltado para o sul, mantenha as duas mãos sobre o ventre e diga: "IOTA!" Deixa eu levar eu para cá que eu não tô para não ver. Voltado para a terra, curve-se e toque as pontas do pé. Diga: "Ô Omicron!" Olhe para o ar, mantendo a mão sobre o coração. Diga yon e olhe para o céu. Mantenha as duas mãos sobre a cabeça e diga ômega. Então esse era o ritual com os gestos. a gente não sabe bem se existia e eu acho que existia uma coreografia que eles iam circulando e e fazendo como se fosse uma dança, mas isso aqui é que a gente tem documentado no PGM13. É uma curiosidade, né, Tia? >> É >> legal. Então vamos continuar aqui. Ainda tem outro exemplo que é muito importante pra gente guardar, que é uma parte importante. Outro exemplo real na mesmo papiro 13. Mas agora é na linha 39. A instrução 39 é curta. Escreva o grande nome com as sete vogais. Guardemos essa instrução. Mais adiante vamos compará-la com o a o e a or. >> É esse. Esse o é volta ali, por favor. Esse o é um é um termo que é usado na doutrina secreta, na nos loucas, né? E é bem enigmático isso aí, né? Agora a gente vai aqui fazer um aprofundamento que a gente contando

aqui, ele tem exatamente sete vogais, né? >> Isso. >> E aí, eh, fica já essa esse espaço no quebra-cabeças pra essa esse espaço no quebra-cabeças pra gente entender mais à frente, né? >> É. E vocês já pensaram a fazer a correlação com Oalu, que também ele é eh existem muitas coisas na doutrina. Eh, e nos nos collective writes, né, Tuquinho, que agora a gente tá conseguindo pesquisar em inglês e a gente consegue trazer muita coisa que tá espalhada nos volumes todos. Então, tá, então eu vou interromper aqui, Tinho, para te chamar. >> Pois é. E aí foi interessante, né, que apareceu essa expressão sete vogais, né? Eu falei, será que tem mais alguma coisa nessa literatura toda que a gente estuda sobre sete vogais? E para minha surpresa tinha muita coisa. E aí eu resolvi trazer algumas aqui para vocês do que eu encontrei nessa pesquisa sobre as sete vogais, né? Então vamos lá. Tá aqui. Pera aí que tá deu uma travada aqui. Vamos lá. Então, em Isenvume 4, a Blavatsk começa nos dando uma explicação sobre a questão de usar o termo serpente, né, que eh desde a mais remota antiguidade, a serpente foi venerada por todos os povos como a incorporação da sabedoria divina e como o símbolo do espírito. que sabemos por Sanchoniat, que foi Hermistot, o primeiro a considerar a serpente como o mais espiritual de todos os répteres. E agora a gente vai entender bem por essa explicação aqui, né? Porque isso, né? E a serpente gnóstica lá dos gnósticos, que foram os primeiros cristãos, né? Com as sete vogais sobre a cabeça, essa serpente não é senão uma cópia de ananta. Então eu fui procurar uma figura onde tivesse a serpente gnóstica, que é essa aqui, com os sete, as sete vogais sobre sua cabeça. Essa figura ilustra bem isso. E aí eu fui contar aqui 1 2 3 4 5 6. Ou são sete. Aí a gente olhando aqui, o próprio rabo da serpente é é a sete, é o alfa, né? aqui o alfa que eles colocaram de uma forma velada já, né? E é uma não essa serpente gnóstica. Então eles na a Blava tá dizendo que é uma cópia de ananta. Quem é ananta? A gente vai, então, ela vai dizer a

serpente de sete cabeças sobre a qual repousa vishno. Aí na tradição hindu a gente tem aqui vîno repousando sobre uma serpente sobre as águas. E qual é o simbolismo dessa imagem aqui? Virgino representa o espírito, as águas representam a matéria e a serpente ananta é esse veículo do espírito na matéria, né? Então é tem todo um ensinamento nessa nessa imagem, né, de espírito e matéria. Eh, espírito vai sempre usando seus veículos, seus varrãs, né? E o primeiro varrã, o primeiro veículo que é usado pelo espírito quando encontra com as águas é a serpente, né? Por isso ela virou o mais espiritual de todos os réptes, porque ela é o veículo do espírito, primeiro veículo do espírito. E aí a gente eh entende melhor porque tantos elementos grá

Trecho 6

e foi um grande estudioso do gnosticismo, eh onde eh a gente pode pesquisar Sofia do George Mid, tem também o Raul Branco escreveu muitas obras aqui, o nosso Raul aqui de Brasília, né, da aqui da eh da Sociedade Teosófica. Ele escreveu algumas obras sobre Pisto Sofia. Ele era um estudioso também muito importante desse dessa tradição cristã, eh, cristianismo primitivo que ele chama, né? E no Grossário teosófico, como a gente mencionou, tem lá o conceito, que que epistofia? Significa literalmente conhecimento, sabedoria. É um livro sagrado dos antigos gnósticos ou dos primeiros cristãos, né? Então, eh, esses gnósticos foram onde tem ali os primeiros ensinamentos de Jesus. que depois foram sendo deturpados ao longo do tempo. E como eu mencionei, né, a gente viu que no volume 13 do Collected Writings, que ainda não tá traduzido pro português, que contém as obras de Blavates, que entre 1890 e 1891, ou seja, o último ano em que ela tava viva, né, e elas ela tem da página 1 a 81 desse livro é comentário e pista de Sofia. Então, a Blavatsk que desceu muita eh fez um estudo profundo aqui de eh antes do MID, né? Porque ela incentivou, eu não sei, aliás, né? O

Mid ela incentivou ele a fazer o estudo. Eu não tenho eh não pesquisei em que data foi escrito o livro de M, mas tenho quase certeza que é depois disso aqui que ela deu assim uma desbravou o início aqui para ele e a gente vai trazer justamente nessa síntese que a gente vai tentar fazer no próximo encontro. uma passagem importante aqui do do P Sofia da página 51 a 54. >> Otinho, só só um momentinho. >> Hum. >> Você vê a capa do que ilustra o o pit Sofia do mid. Veja bem, parece que é o Jeová começando a se manifestar, né? saindo do da indiferenciação, indo paraa manifestação. E aí depois ele chega Jesus, que é o Cristo, que seria o Logos 3, né? Então é do Logos 1 ao Logos 3, mundo manifestado com forma, né? Fica interessante também pensar assim, não é? >> É, tem o antropomorfismo, né? Que a gente sempre critica muito, mas eh >> acaba sendo que o antropomorfismo é uma forma também da gente compreender nome e forma, né? como os indústos >> eh antropomorfizaram vicos, né? Então, eh mas essa questão de criticar o antropomorfismo é pra gente não se limitar a isso e tentar ir além da imagem, né, e compreender a parte interna esotérica, né? >> OK? >> A serpente dos sete trovões pronuncia as sete sílabas, mais tu cela, né? cala as coisas que os sete trovões falaram e não as escreva, diz o Apocalipse. E aí vem uma uma eh um comentário de Jesus no pisto de Sofia sobre esse essa questão dos mistérios, né? Então ele pergunta pra gente: "Buscai buscais estes mistérios?" Pergunta Jesus no pist de Sofia. E essa frase super emblemática que não há mistério, não há nenhum mistério melhor do que elas as sete vogais, porque conduzirão vossas almas à luz das luzes, ou seja, à verdadeira sabedoria. Então, eu fiquei impressionado com essa, não lembrava disso aí, não sei se já tinha visto, né? Mas eh Jesus dizendo que não há mistério melhor do que as sete vogais. E aí eu comecei pesquisando sete vogad uma uma citação dessa assim bem eh impactante, né? Não há nada mais excelente do que os mistérios buscais, exceto as

sete vogais e seus 49 poderes, bem como os seus respectivos números. E aqui talvez a forma de pronunciar essas sete vogais eh seja exatamente a ciência dos mantras, né? Como que você vai organizar essas vogais? E tem uma passagem que o o mestre M, a brav que tava quase morrendo, ele chegou na noite e entou alguns mantras e elas eh recuperou sua saúde durante aquela noite. Então, esses poderes de entoar mantras, os maratmas dominam isso bem, né? Como desse exemplo da Blavatsk. Eh, e mas tudo isso são mistérios aí, né? ministérios que precisam ser eh tratados aí quando a gente tiver com uma mestre para nos orientar, né? E a essa questão dos sete vogais e 49 poderes na Índia, esse era o mistério dos sete fogos e seus 49 fogos ou aspectos ou de número

Trecho 7

Não dá para a gente ver na cabeça dela que está falando de coroas das sete cabeças. O que tem nessas coroas aqui? Encontrei uma outra maior também. Tem as coroas nas cabeças, mas eu não consegui encontrar uma figura com isso; pesquisando mais, talvez a gente encontre.

AS SETE ZONAS DA ASCENSÃO PÓS-MORTE

E aí ela vem com mais uma citação, mais uma informação sobre isso: são as sete zonas da ascensão pós-morte dos escritos herméticos, em cada uma das quais o mortal deixa uma de suas almas ou princípios. Aqui já sendo esse desmembramento de princípios no pós-morte, sobre o que a gente já viu bastante. Até que, chegando ao plano que domina todas as zonas, o plano mais espiritual, mais elevado, ele aí permanece como grande serpente sem forma da sabedoria absoluta, ou a própria divindade.

Então, esse bonito: no pós-morte você vai se espiritualizando, e seria ali um Devachan sem forma, né? Arupa... seria o Nirvana. O Nirvana é chegar aí naquele plano arupa, é você se tornar um, né? E o um é a própria sabedoria.

AS SETE VOGAIS E A SUÁSTICA

Mas, de novo aqui falando das sete vogais — tudo isso começou dessa pesquisa: será que tem alguma coisa sobre sete vogais? Olha quanta coisa a gente já encontrou.

Volta lá, que eu queria falar uma coisa. Ele fala que as sete vogais estão representadas pelos signos da suástica. O que é a suástica? É a energia, é Fohat. As sete vogais, se não forem pronunciadas, não vão se manifestar. Então as sete vogais precisam ser faladas: é a voz, é a expressão. E quem dá a voz e a expressão para uma vogal? Fohat, a energia. A sabedoria se reflete na ideação, nas vogais, e se transforma em energia, em voz, em fala, em Fohat, em força para se manifestar. Olha que bonito: dentro dessa frase existe toda essa interpretação que a gente pode fazer.

E essa voz também é o Logos, né? A voz é a voz do Logos, que é Fohat, que é Vach, que é a potência de manifestação.

Muito bonito. Quer dizer, Nossa Senhora, em cada frase tem muito ensinamento. Se a gente ler com atenção, parando nelas e meditando sobre elas, a gente vai tendo cada vez mais comprovação, talvez, dos modelos que a gente faça.

E assim, a gente de novo aproveitando para demonstrar a integração entre as cartas dos Mahatmas, a Doutrina Secreta e Ísis Sem Véu: a gente trouxe uma frase das sete vogais nas cartas, a partir dali fomos

investigar e encontramos mais detalhamento nas outras duas obras essenciais, que formariam essa tríade da teosofia, do programa original da Sociedade Teosófica.

MACROCOSMOS E MICROCOSMOS

Aqui ela está falando do macrocosmos, e aqui também está falando do microcosmos, que é o homem, em que cada um dos sete princípios está vinculado a um plano. E ela está falando que, depois da morte, a gente vai deixando os nossos veículos, que são somente uma forma de manifestação do espírito, e depois a gente chega ao abandono. Então quer dizer que aqui também a gente pode pensar naquilo que o Mestre está falando: macrocosmos, microcosmos, que é o homem, sete princípios do homem, sete planos, sete raios. A gente vai fazendo essa correlação que o Mestre pediu que a gente faça no nosso estudo, essa correlação entre o macro e o micro.

A SERPENTE OFIS

E aqui mais uma, agora do Ísis Sem Véu, volume três: "O autor alude, sem dúvida nenhuma, à expressão favorita de Jesus: 'Sede sábios como as serpentes e mansos como as pombas'", do diagrama de Ofis. E Ofis é o quê? Vem do termo ofídio — ofídio, cobra, serpente. Então Ofis é representado como Chnuphis, ou Kneph, o egípcio, chamado Dracontia. Ele surge como uma serpente ereta em sua cauda, com a cabeça de um leão coroada e aureolada de raios. É exatamente aquela figura que a gente viu: uma serpente ereta em sua cauda, com a cabeça de um leão coroada e aureolada — essa auréola aqui dos raios. E essa figura aparece em vários emblemas, em joias.

E, portando na ponta de cada raio, uma das sete vogais gregas, símbolo das sete esferas celestes. Aí agora juntou as sete esferas, que podem ser os sete globos da cadeia planetária terrestre — tem uma correlação com as sete vogais.

ALFA E ÔMEGA

De novo aqui, a gente só conta seis ali em cima, mas o alfa está simbolicamente aqui, o alfa minúsculo, como se fosse também o símbolo do infinito — a gente também consegue ver alguma coisa de infinito ali. Quer dizer, se são as sete vogais, tem que ser o alfa aqui, né? O alfa é assim, exatamente esse, não fechando — deixa aberto. E, se fechar, é a eternidade: os ciclos se repetem indefinidamente.

Olha só como está no início: é o alfa. E, se a gente fechar ali, vira o infinito, vira o ômega, o símbolo do infinito. Se fechar, é o ômega. E aí fica ali na parte de baixo o alfa e o ômega, que é um simbolismo incrível. A gente, sabendo ler... nossa, quanta coisa está escondida nesses símbolos que a gente não consegue interpretar, mas a gente vai olhando, vai tentando.

O LOGOS NO APOCALIPSE

Essa figura é muito familiar àqueles que têm conhecimento das joias gnósticas e deriva dos livros herméticos egípcios. A descrição dada no Apocalipse daquele que era igual ao Filho do Homem, com as suas sete estrelas, e que é o Logos, é outra forma de Ofis.

Que bonito: o Logos é a sabedoria e a força da sabedoria. Muito lindo — que é serpente, tudo interligado: sete vogais, Logos manifestado, planos, os quatro planos da diferenciação com sete vogais também.

Nossa, muito lindo.

E numa frase ela fala do gnosticismo, fala do hermetismo e fala do cristianismo aqui no Apocalipse. É incrível: faz essa correlação de três tradições numa frase.

Como Apolo e outros deuses, Jesus é morto pelo seu Logos. E aí ela remete para a nota 126: ele se ergue novamente, mata-o por sua vez e se torna seu senhor. E, na nota 126, ela sugere ver o amuleto gnóstico chamado serpente de Knuphis, no ato de erguer sua cabeça coroada com as sete vogais — exatamente esse amuleto aqui —, que é o símbolo cabalístico que significa o dom da fala para o homem, ou Logos. Aí, de novo, a gente chega nisso que você estava falando: a fala, o dom da fala.

Trecho 8

ndo o homem começa a se aproximar, entra, a gente tem o a mente, entramos na hierarquia dos dos chorrãs, primeiro estágio, né? E a fala representa esse poder de começar a articular as vogais, né, e falar perfeito. A mente nos proporciona a sabedoria quando a gente consegue encontrar e as nossas ações são a fala, né, a forma de expressar isso aí, né? >> Exatamente. >> Que é a sabedoria com a potência criadora. E aí a BAT que faz uma provocação final aqui. Será que esse velho símbolo tem como as outras concepções filosóficas antigas mais de um sentido alegórico? É insuspeitado? As coincidências são estranhas demais para resultarem do mero acaso. Então, eh, justamente trazendo essas essas várias tradições, falando a mesma coisa, será que tudo isso é >> é um um coincidência, um mero acaso? É claro que não, né? E é isso que a gente estuda do simbolismo. É para isso, né? Então eu vou te devolver aí, >> Tioquinho. Linda sua pesquisa, maravilhosa.

Aprendi um bocado aqui. >> Parabéns. >> Que bom que você gostou. E agora a gente tá quase no Ah, não, ainda temos 5 minutos. >> OK. E vamos ver se vai dar para fazer alguma coisa aqui. Deixa eu compartilhar. Vamos ver o que que é que a gente vai. Ah, agora nós vamos trazer quem era Memno. >> Essa parte é muito interessante. >> É, vamos ver eh o que que é. É memno o colosso que falava ao amanhecer. Então, esse aqui, esse colosso existe até hoje. Ele, ele tá, tá no Egito e são, na verdade, dois colossos e tem o colosso do sul e tem o colosso do norte, que esse era o colosso que falava ao amanhecer. >> É só uma coisa, né? Aqui não tá aparecendo nenhuma pessoa, a gente perde um pouco a dimensão do tamanho, mas um ser humano fica mais ou menos aqui assim. Ele é menor do que metade dessa base do da estátua aqui, né? >> É um colosso pela gigantismo aqui. Cada tracinho desse aqui, cada barrinha dessa é do tamanho de uma pessoa. >> Então, quem já pensou? Eh, eh, é isso é um monumento, é por isso que é chamado de colosso, né? Porque colosso é uma coisa gigantesca, enorme. >> Colossal. Colossal. >> Colossal. Então vamos ver a história dessa estátua que falava. Em Tebas, no Egito, existem duas estátuas monumentais do faraó Amenofes ter ou amenhotep teriro. Márcia até falou que a gente tem tantas eh filmes sobre o Amenotec, né? Eh, esse faraó, não é, Tinho? Geralmente aquele eh caçadores da arca perdida, né? sempre aparecia amenepot. >> Então, essas duas estátuas foram erguidas para ele, construídas para ele e foram erguidas por volta de 100 antes de Cristo. Séculos mais tarde, gregos e romanos passaram a identificar o Colosso do Norte com Memmon. Olha que interessante isso. Herói da tradição grega, filha de EOS, Aurora. Veja, Meno, filho da aurora, que falava com os primeiros raios da do sol nascente, né? Das primeiras dos primeiros raios que batiam nessa nessa nesse colosso. Ele respondia a sua mãe Aurora. Veja que interessante isso. No final do século

a de. Crist, o colosso do norte já se encontrava parcialmente destruído, provavelmente em consequência de um terremoto. Foi depois disso que ele se tornou célebre por um fenômeno surpreendente. Ao amanhecer, a estátua emitia um som. Para os gregos, este som era memno saudando sua mãe Eos. Deixa eu tirar aqui que eu tá me atrapalhando. Eh, a sua mãe Eos, Aurora, ao ser atingido pelos primeiros raios de sol. Você a eu fiquei tão impressionada com isso que eu fiquei pensando o mestre móre respondendo ao cinet, mandando o cinet ao piano, não satisfeito com isso, pega uma, ela junta tantas informações naquele coã que a gente tá tentando descobrir aqui. E ele pega coisas que realmente existiram, ele faz uma junção ali dos primeiros raios. os sete raios do sol nascente e mesmo não respondia. Então veja, ele pegou uma coisa histórica e juntou ali numa coisa esotérica e fazendo toda uma analogia que é são os raios respondendo a Aurora, que a Aurora é o início de uma vanta, d

Trecho 9

ada um deles estava parcialmente destruído e acrescentou: "Eu também ouvi o ruído por volta da primeira hora do dia." Então, esse geógrafo historiador, ele foi lá para ver isso e ouviu o ruído emitido pela pelo Colosso na primeira hora do dia. Então era quando o sol nascia, né? Guardemos essa imagem. Sol nascente e som. E agora eu trouxe aqui mais, eu não sei se tá. Ah, não, não é agora não. Agora a gente vai trazer como curiosidade os depoimentos dos visitantes, eh, descritos no próprio colosso de Memmon. E essa perna aqui, tá? Essas pernas estão todas é com inscrição feitas a a alguma coisa cortante e na própria perna de memon. Dá tempo ainda, Tinho? >> Pois é, a gente já passou do tempo, mas termina isso aí que é muito, eu acho que vai, >> mas depois tem os outros. É, então eu vou começar com essa pelo menos esse a os depoimentos dos estud dos dos

estud >> dos visitantes. A fama do Memnon que falava atraiu visitantes durante o período romano. Muitos registraram sua passagem no próprio Colosso, deixando inscrições em grego e latim, que existem ainda hoje. Mais de 100 delas chegaram até nós. O pai de de Sid, que eras capaz de falar, Memnon. Eu, Paon de Sid, já havia sabido por relatos. Agora aqui presente aprendi por experiência própria. Então ele ouviu. Agora o Júlio Fidos Áila ou Aquila. Quando o dia Benfazjo surgindo do oceano, iluminava com os raios do sol a primeira e a segunda hora, ouvi claramente três vezes a voz de Memnon. Olha que bonito aqui, né? Ele tá falando Memnon iluminado pelos raios do sol na aurora, na primeira e na segunda hora. Ouvi claramente três vezes a voz de Memno. Então eu vou interromper mais um. Acho que você passa mais um que vai mostrar a a inscrição ali. >> Ah, então tá bom. Então vamos lá. >> Ó, a gente consegue ver a inscrição na perna, >> as inscrições na perna aqui do Colosso de Memnon. Então vamos falar do Titos Petrônios Secundos. Deixa eu tirar isso aqui. Tu falastes menno, pois uma parte de ti está sentada aqui. Quando fosses atingido pelos raios ardentes do filho de Leto. Então vamos começar de novo. Tu falastes, Memnon, pois uma parte de ti está sentada aqui quando foste atingido pelos raios ardentes do filho de Leto. Vamos ver o que que é Leto. O filho de Leto, associado aqui ao Sol. Apolo também era associado ao Sol na mitologia. Até o Marcelo trouxe antes, né, Tinho, de Apolo ali, a uma citação que você falou de só de de de Apolo associada a logos, né? >> Hum. >> Você trouxe a antiga a na ali quando você tava falando da doutrina, eu acho, a Júlia Balbíha Balbila. Essa Júlia Balbila era uma poetisa e acompanhava um rei nessa época e foi lá. Eu, Balbila ouvi vindo da pedra que fala a voz divina de memno ou fameno fameno femen >> famenot amenot que que significa isso a voz divina de memno ou famenot para os gregos memno para adição e tradição egipta famenot ela tava ela ela colocou a a o significado de Memnon, tanto na tradição

grega quanto na egípcia. Guardemos essa imagem. Sol nascente, raios, som, resposta de memnon, porque isso aqui são partes que vão compor o nosso conjunto. Então, eu vou interromper aqui. >> Aí aqui a gente interrompe. Então, >> muito bom. Eu gostei muito dessa nossa eh desse nosso encontro hoje, Tinho. Foi muito, >> hoje foi mais leve assim, né? Mas >> foi leve, foi divertido, foi profundo, eh foi com muito conhecimento e e é impressionante como o mestre Mória consegue fazer essas junções, né? >> Um estudo turístico hoje também que parte de mem. >> Então a gente agora vai interromper e responder as perguntas online aí. Obrigado a todos. >> Obrigada. Até já. Olá, >> tudo bom, Virgínia? >> Oi, Graça. Oi, Vani. Tô vendo o pessoal agora. Eduardo, o Tinho já vai chegar, >> já vai. Deixa eu pegar ele aqui, pegar ele de jeito. Cadê? Cadê? Tá aqui. >> Chegou. >> Pronto, >> já estou. >> Pronto, achei. >> Deixa eu falar

Trecho 10

o, né? não era do quinto. Isso. >> Ela não era do quinto, ela era do quarto, ou seja, já passou por por pelo menos três iniciações, né? E aí vai esse termo que o nome dela, o Pacica, né? Justamente discípula também, que vai passando por esses processos de ascensão que você colocou aqui, Fátima, os sete níveis de consciência, né? Eu não sei quantas são, mas eh o próprio Jesus passou por iniciações, né, >> quando tava no Egito, né? >> Exatamente. >> Isso. >> E também tem, eu me lembrei daquele também que a gente estuda do Crestros e do Cristos, né? Crestros seria o o iniciante, quer dizer, aquele que estava em provação, que tinha de ouvir a voz. Então o Crestor quando ele se ilumina Crestos e quando ele se ilumina, quer dizer, quando ele passa por uma iniciação, ela se ele se torna Cristo. Então talvez também aí esteja uma menção em relação a isso. Quer

dizer, Cristo quando a pessoa sai da da do homem comum ao homem responsável, que seria uma ratma, >> é aqui no verbete do glossário, né, tem crestos. O termo Cristo e cristãos que originalmente se descreviam crest e crestens foram emprestados do vocabulário que utilizado no templo dos pagãos. Crestes significava nesse vocabulário um discípulo em provação, um candidato a hierofania. quando havia atingido esse esse estatuto por meio da iniciação e de longas provações e sofrimento e havia sido ungido, eh o seu nome era alterado para Cristos. Então, um >> Isso me lembrava assim, >> discípulo em provação eram crestos e depois que ele passava na provação, era iniciado, ele virava um cristos, né? Então, o Cristos quer dizer o purificado na linguagem esotérica ou misteriosa. Então, >> obrigado. >> Bom, >> caramba. >> Então, hoje acho que foi só uma pergunta, a gente vai terminar mais cedo, né, Graça? >> É hoje isso. >> Hoje a gente vai, quem sabe >> não terminar mais cedo não, amigo. Nós vamos terminar 3 minutos mais cedo. 3 minutos na hora. É, hoje bem leve com essas viagens pela turística lá até guia quatro rodas a gente encontrou hoje aqui, né? Mas que isso isso? A gente tá dividida em partes, porque depois isso tudo vai ser muito importante quando a gente for estudar realmente o que o mestre tá passando para nós. Então, eh, de novo, eu fico impressionada do mestre, quer dizer, ele trazer um fato histórico desse para ilustrar o ensinamento esotérico que é são esses sete raios, eh, do sol nascente. Então, isso tudo tem uma um significado muito bonito que é logos. a gente vai explicar isso bastante. E o Sete Raios também. E e mas ele usou uma uma um monumento, um fato histórico documentado para trazer essa analogia. Então é impressionante, né? >> É. E vai ser bacana o nosso estudo do Oahu também, que é um termo também que eu sempre fiquei meio confuso com esse aí. Agora a gente vai tentar conectar ele aqui com a com as sete vogais, né? Que o tem sete letras ali, sete vogais. Mas já

na eu não sei nem em que língua que é, se é sânsk, que que é, se é a rua, se é só um som. Vamos ver isso na semana que vem, >> tá? >> Então, >> boa noite. Muito obrigada. Foi uma alegria mesmo. Hoje eu me diverti nesse nessa nesse momento histórico. Eu achei muito interessante mesmo. Então, boa noite. Até até >> até sexta. >> Até sexta. Ah.
